

## A representação dos imigrantes haitianos no jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba/PR<sup>1</sup>

Andrea Rosendo DA SILVA<sup>2</sup>  
Myrian DEL VECCHIO DE LIMA<sup>3</sup>  
Otávio Cezarini ÁVILA<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### Resumo

Desde o terremoto de 2010 no Haiti, iniciou-se um fluxo de imigração de habitantes do país para o Brasil. Este artigo contempla o levantamento e a análise de matérias publicadas pelo jornal, *Gazeta do Povo*, de Curitiba, PR, sobre a imigração dos haitianos, no primeiro semestre de 2014. A escolha da temática se justifica por conta do número considerável destes imigrantes em Curitiba, bem como pelas implicações e contribuições que a investigação pode oferecer para a área de comunicação diante de um cenário global de imigração. O trabalho refletiu sobre a problemática da migração, a identidade dos grupos envolvidos, a comunicação na esfera das migrações e as subjetividades no corpo em trânsito. Empiricamente, realizou-se a análise de conteúdo de matérias publicadas, para se compreender, de forma ampla, a representação construída sobre os haitianos no veículo em exame.

**Palavras-chave:** comunicação; migração; identidades; subjetividades; cidadania.

### 1. Introdução

Em janeiro de 2012, os ministros da Justiça José Eduardo Cardozo e o então Ministro das Relações Exteriores, Antonio de Aguiar Patriota, assinaram artigo, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, intitulado “Brasil e Haiti: parceria para o desenvolvimento”. O texto lembrava o terremoto ocorrido no Haiti em 2010, que vitimou mais de 300 mil pessoas; mencionava a missão de paz liderada pelo Brasil e ainda destacava a implantação de medidas de ordenação do fluxo migratório de haitianos para o Brasil, de modo a garantir o respeito à dignidade e aos direitos humanos dos migrantes. As novas medidas, contavam com o apoio do governo haitiano e das instâncias relevantes das Nações Unidas em temas migratórios.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania no XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pela UFPR e Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Positivo (UP). Email: deárosendo@gmail.com

<sup>3</sup> Jornalista. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora do PPGCOM/ UFPR. myriandel@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrando em Comunicação pela UFPR e Graduado em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: ota\_cez@hotmail.com

“Erra quem vê na nova medida uma restrição à entrada de haitianos no Brasil. Pelo contrário, trata-se de uma abertura, em caráter excepcional, que estabeleceu condições especiais de ingresso no Brasil, para além da liberdade de ingresso já permitida (...) O Brasil está cooperando com as autoridades dos países vizinhos no aprimoramento do controle e da fiscalização das fronteiras, com o objetivo de reprimir as redes de intermediários.” (*Folha de São Paulo*, 15/01/2012).

Dois anos após essas declarações, vê-se que aumentou muito a imigração dos haitianos para o país. Em maio de 2014, o blog “Haitianos no Brasil” (<http://haitianosbrasil.blogspot.com.br/>) replicou matéria do jornal *O Estado de Minas*, com a chamada “Brasil terá 50 mil imigrantes haitianos até o fim do ano.” A referida matéria apresentava pesquisa, realizada entre julho e novembro de 2013, por Duval Fernandes e Maria da Consolação Castro, da PUC/MG, e pelo representante da Organização Internacional para as Migrações (OIM), que traçou o perfil da imigração haitiana ao Brasil. A pesquisa revelou que existem hoje no Brasil cerca de 34 mil haitianos e que o número subiria para 50 mil até o fim de 201. Os imigrantes haitianos estão presentes em 286 cidades, com 75% dos haitianos concentrados em São Paulo.

Fernandes explicou que o Brasil não é mais o país de imigração do início do século nem o país da emigração dos anos 80: “Somos hoje um país de imigração, emigração e trânsito, além dos brasileiros que retornam depois de viver muitos anos no exterior. A questão migratória é atualmente muito maior do que foi no passado”. (*O Estado de Minas*, 17/05/14). No Paraná, segundo matéria publicada em 29/12/13, pelo jornal *Gazeta do Povo*, vivem hoje na região metropolitana de Curitiba cerca de 2 mil haitianos com idade entre 20 e 40 anos.

Ao observar o espaço que a imigração dos haitianos ocupa na imprensa brasileira e paranaense, este trabalho se propôs a investigar a representação sobre estes imigrantes construída pelas matérias publicadas no jornal *Gazeta do Povo*. No entanto, para compreender porque esse tema é recorrente nos jornais, foi preciso fazer uma reflexão acerca da questão da migração, da identidade de grupos de imigrantes e da comunicação na esfera das migrações. A leitura de autores como Hall, Santos, Canclini, ElHajji e Cogo permitiu buscar um caminho para se entender o movimento migratório, as subjetividades a ele ligadas e a abordagem do imigrante na mídia. Por fim, a metodologia da análise do conteúdo do material publicado na editoria “Vida e Cidadania” do referido jornal – no período de janeiro a junho de 2014 – objetivou verificar como se dá, de forma ampla, a representação desses imigrantes, uma vez que com relação à mídia “podemos pensar nela como linguagens, que fornecem textos e representações para interpretação”. (SILVERSTONE, 2005, p.15).

## 2. Migrações

A agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados (ACNUR) informou em 20 de junho de 2014, Dia Mundial do Refugiado, que o número de requerentes de asilo, refugiados e deslocados internos em todo o mundo ultrapassou, pela primeira vez após a Segunda Guerra Mundial, os 50 milhões de pessoas. O relatório anual “Tendências Globais” do ACNUR, baseado em dados compilados pelos governos, organizações não governamentais e registros próprios, mostra que 51,2 milhões de pessoas foram deslocadas à força de seus territórios até o final de 2013 – 6 milhões a mais do que as 45,2 milhões registradas em 2012. Os dados, publicados no site ‘ONU no Brasil’ (<http://www.onu.org.br/>) demonstram que a situação representa um grande número de pessoas que precisa de ajuda, com implicações para os orçamentos das nações doadoras e para a capacidade de absorção e abrigo dos países receptores. No mesmo site, publicou-se matéria sobre a 1ª Conferência Nacional sobre Migração e Refúgio (Comigrar), realizada entre os dias 30 de maio e 1º de junho, em São Paulo, sob coordenação do Ministério da Justiça, com apoio de organismos da ONU, que debateu a política migratória do país. O objetivo da I Comigrar foi elaborar aportes para a construção da Política e do Plano Nacional sobre Migração e Refúgio pautada nos direitos humanos. Durante o evento, lançou-se o Plano de Integração aos Migrantes, que inclui compromisso dos governos federal, estadual e municipal de São Paulo, em acolher a população haitiana no Brasil, principalmente nos estados do Acre e São Paulo.

Sob o ponto de vista dos estudos culturais a respeito do tema, é importante compreender os fluxos que trazem estes indivíduos para novos espaços geográficos, isto é, para além da superficialidade das causas, como a fuga da pobreza e a busca por melhores condições de vida em outro país. Elucidar a questão da identidade, da cultura transnacional e do território é fundamental para podermos pontuar o imigrante haitiano como ser também cultural em um cenário global profundamente marcado pelo viés do econômico.

Com relação à questão da identidade na ótica das migrações, ElHajji (2011) afirma que diversos autores confirmam o pressuposto que as identidades são a soma da identidade individual (o ser único, sua personalidade) e da identidade coletiva, formada pelo grupo a que pertence, localidade, valores, cultura local. No entanto, na atual fase transnacional da cultura, condicionada por um processo de globalização acelerada, a identidade coletiva ganha relevância na construção do indivíduo. Mesmo sendo única, a identidade não é homogênea. Como afirma Hall (2006), as identidades pós-modernas são múltiplas e híbridas. O mesmo diz

ElHajji (2011), ao explicar que “a identidade individual não é una e homogênea, mas sim composta e compósita, polifônica e multifacetada.” (p.3).

Ao considerar as formações identitárias que compõem o indivíduo, Hall (2012) acrescenta ao debate, a partir da diáspora caribenha, a complexa situação das identidades culturais em ambientes de violação do espaço. Sendo a identidade uma questão histórica, muitos povos são impedidos de dar continuidade ao seu passado, pois seus locais originários não podem ser mais os mesmos, como é o caso da capital haitiana, Porto Príncipe, destruída por um terremoto e alterada por todos os processos sociais e econômicos anteriores e subsequentes.

“Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio (...). Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”. (HALL, 2012, p.30).

Com o entendimento de que é a cultura que nos dá a consciência de pertencimento e, portanto, as migrações agrediriam o indivíduo nesta dura adaptação à nova terra, Milton Santos (2012) relaciona desterritorialização (a perda do território original, do espaço de pertencimento e memória) à alienação, para ele, uma desculturização. Mas, Santos não condena o migrante à eterna alienação — as incitações e a capacidade criativa do homem fazem com que ele não aja apenas de forma passiva, mas que a relação entre o homem e o território

“(se) manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente mudando-se paralelamente territorialidade e cultura, mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera parte do seu ser que parecia perdida.” (SANTOS, 2012, p.83).

Ao mesmo tempo em que há a possibilidade de integração, Canclini (2013) observa a existência de estratégias na tensão entre desterritorialização e reterritorialização, que dizem respeito a esta perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais, como salienta também Santos, e, ao mesmo tempo, relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas. Há nesta trama de desterritorialização (alienação) e reterritorialização (integração) um resultado híbrido que dá forma às culturas dominadas, inclusive com o componente transcultural, que parte de uma seleção e invenção dos grupos subordinados a partir do que foi transmitido pela cultura dominante. Há aqui, trajetórias que se entrecruzam e são dialógicas.

Ao se considerar que todas as culturas são resultados de mestiçagens e traduções é necessário para que elas permaneçam – ou simplesmente não desapareçam – argumentações que mostrem a diferença desta cultura por intermédio da valorização do que lhe é próprio,

realizadas pelos grupos culturais e étnicos. A valorização desta identidade coletiva se torna então pertinente, pois reforça o caráter de distinção frente a outras identidades culturais em um mundo em que este reconhecimento étnico tende a ser um referencial incontornável nas relações sociais. (ELHAJJI, 2011, p.4).

“Eleger o pertencimento étnico como marco identitário implica, portanto, em delimitar territórios simbólicos e/ou reais e elaborar estratégias discursivas e políticas de diferenciação. Ou, dito de modo mais direto, enunciar a sua identidade etnicamente equivale a uma tomada de posição política dentro de um sistema social ele mesmo étnica e culturalmente hierarquizado.” (ELHAJJI, 2011, p.4).

Neste entrecruzamento não há, no entanto, uma relação “de origem e cópia” no contato das culturas e suas diásporas (HALL, 2012, p.38), pois as fronteiras rígidas pelas quais se acreditavam que uma cultura emergiria não se adéquam ao hibridismo em que as culturas hoje estão inseridas. Esta forma preconizada pelos Estados-nação, através de comunidades políticas nacionais e suas “comunidades imaginadas” e pelas políticas nacionalistas, são postas em desuso pelos caminhos que a globalização toma (na relação de conquista, exploração, formação de mercados mundiais, homogeneização cultural). A própria acepção das fronteiras nacionais é recusada pela sociedade, que se fragmenta internamente.

Desta forma, Hall (2012) comenta que a fase transnacional do capitalismo, pós-1970, “tem seu ‘centro’ cultural em todo lugar e em lugar nenhum” (p.40), com as formas, cada vez mais globais de mercado e fluxos do capital. E do mesmo modo que o capital invade as zonas periféricas, também as minorias chegam ao centro, rompendo barreiras espaciais e adentrando na cultura dominante. No entanto, ainda há uma problemática nesta lógica de fluxos e hibridização cultural que justificam as migrações, cujo cenário é o da globalização de um capitalismo avançado, qual interesse está pautado na constituição de mercados regionais, configurando uma lógica onde é “mais simples fazer investimentos em um país estranho do que se tornar cidadão”. (CANCLINI *apud* COGO, 2001, p.13).

## **2.2. Comunicação na esfera das migrações**

Cogo (2010) salienta três processos de mudança relacionados à constituição da comunicação em uma perspectiva cidadã e transnacional. A primeira está relacionada à constituição e circulação de imaginários na disputa pelos sentidos na cidadania a partir das tecnologias da informação. Um segundo processo se refere à modalidade de relacionamento de redes solidárias, as quais extrapolam o espaço físico. Neste ponto, Cogo ainda trata de “redes de comunidades virtuais identitárias” em um processo de definições de identidade entre atores coletivos. O terceiro momento diz respeito aos movimentos migratórios que proporcionam

novas relações, conflitos culturais e aprofundamento de contatos. A autora considera a inter-relação entre redes sociais, tecnologias de comunicação e movimentos migratórios para compreender a dimensão transnacional da comunicação em uma perspectiva cidadã. Pode-se considerar, por meio da citação acima, que a mobilidade impulsionada pela globalização tem sua tensão aprofundada pelo aspecto subjetivo do indivíduo que se move. Este indivíduo híbrido carrega consigo um conjunto de contradições culturais.

É importante também compreender a relação do uso das tecnologias de comunicação no cenário urbano globalizado. Ao falar sobre o processo de urbanização, Canclini (2013) diz que “viver em uma cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato” (p.286). Para ele, as novas tramas da cidade, repletas de violência e insegurança, fazem com que indivíduos busquem uma sociabilidade seletiva em seu espaço doméstico e confiável. Um ponto que contribui para a conformação do fenômeno de perda do sentido agregador da cidade é a mistura de burocratização e mediatização, resultando na redução do “uso massivo da cidade para a teatralização política” (p.287), segundo o autor, cujo relacionamento com o povo é feito mediante meios de comunicação.

“A menor visibilidade das estruturas macrossociais, sua subordinação a circuitos não-materiais e diferidos de comunicação, que mediatizam as interações pessoais e grupais, é uma das causas pelas quais caiu a credibilidade dos movimentos sociais (...)”. (CANCLINI, 2013, p.287).

Assim, a eficácia dos movimentos sociais dependeria de uma reorganização do espaço público em um esforço para abranger a massa. E a resposta não seria pelas formas tradicionais de comunicação, mas dos próprios meios massivos (incluindo-se, para nós, neste entendimento também as redes sociais na Internet) que conseguiriam restituir o sentido do urbano a partir da capacidade de horizontalizar/verticalizar a difusão da informação.

Não se referindo ao massivo, outro ponto similar referencia a questão do território e os significados simbólicos dados a ele pela comunicação. ElHajji (2011), no entanto, evidencia a natureza do espaço, ainda que de transição, interagindo com estruturas de comunicação comunitárias, em especial nos processos de reterritorialização:

“Antes de serem, todavia, guetos estanques, essas configurações simbólico territoriais constituem espaços de encontros, trocas e misturas com o conjunto da sociedade. Na maioria dos casos, o território étnico não passa de um espaço de transição, uma interface cultural que possibilita uma integração suave e proporcional à ascensão social almejada por todo imigrante. Esforço de enraizamento e reterritorialização que, na prática comunicacional, se reflete por notáveis estruturas de comunicação e mídia comunitárias.” (ELHAJJI, 2011, p.6)

É dentro desta perspectiva comunicacional que busca a reterritorialização e a integração por meio de novas produções simbólicas, que se acredita situar a localização da diferença cultural de povos deslocados forçadamente pela globalização.

Esta inserção da comunicação midiática ou interpessoal avança para a transformação cultural, levando à compreensão que a cultura é uma produção dinâmica e coletiva. “Não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que fazemos das nossas tradições” (HALL, 2012, p.49). O ser humano está sempre em processo de formação cultural, sendo que a “cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. (Idem, p.49). Hall (2012) afirma ainda que é necessário não se apegar a modelos fechados e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos, que transformam culturas do mundo todo. Para ele, o caminho da “diáspora” é esta trajetória de um povo e de uma cultura moderna, sem, no entanto, criar zonas de silêncio, como fez o internacionalismo europeu.

### **3. Método e Metodologia**

A metodologia utilizada neste trabalho foi uma adaptação da análise de conteúdo, que revela-se como método de grande utilidade na pesquisa jornalística, ao “descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, avaliar característica da produção de indivíduos, grupos e organizações, identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas.” (HERSCOVITZ, 2007, p.123). O método também se propõe a buscar “inferências confiáveis de dados e informações com respeito a determinado contexto a partir dos discursos escritos ou orais de seus autores.” (MARTINS; THEÓPHILO, 2007 p.95).

Ao utilizar essas duas visões, mesmo que de maneira genérica e não detalhista, em pesquisa ainda preliminar, partimos do seguinte questionamento: as matérias da *Gazeta do Povo*, publicadas no período selecionado, representam o haitiano apenas como mão de obra para o mercado capitalista transnacional (uma visão hegemônica e economicista) ou como um corpo em trânsito também portador de cultura e em busca de integração em um novo território?

Fundada há 95 anos, a *Gazeta do Povo* pertence ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM), o maior do Paraná na área. De janeiro a junho de 2014, o veículo publicou matérias, notas, artigos, reportagens, incluindo matéria de capa, relacionadas com os haitianos. Para verificar se o jornal representa o haitiano apenas do ponto de vista econômico, como mão de obra, ou também o representa como sujeito cultural, realizou-se uma análise do conteúdo buscando-se, no conjunto das matérias, as abordagens relacionadas à economia e à

cultura, termos que funcionaram como subtemáticas. A pesquisa abarcou as notícias referentes ao tema imigração, mas se deteve nas imigrações haitianas, devido ao elevado número de nativos do Haiti que migraram para o Brasil nos últimos 18 meses. A escolha destas duas abordagens, econômica e cultural, deu-se pelo interesse em verificar como esse sujeito, esse corpo em trânsito, é revelado pelo viés jornalístico. A investigação realizou-se em três editorias: *Vida e Cidadania*; *Economia e Caderno G* (caderno de cultura), aquelas que reúnem matérias que demarcam os conteúdos relativos à cultura, individualidade-sujeito e economia, aspectos que interessam a este artigo.

Ao se levar em conta a sugestão de Herscovitz (2008, p.134) para definir os temas de análise, fomos além do tema migração — entendida também como tematização jornalística, que “pressupõe a seleção de um tema e sua colocação no centro da atenção pública” (ALSINA, 2009, p.191) —, utilizando os subtemas “economia” e “cultura”, como já explicitado, de forma a checar as abordagens jornalísticas; entretanto, emergiram ainda da primeira leitura do conjunto de textos, outros subtemas, que, como diz a autora em uso, podem ser considerados unidades de registro, como “políticas nacionais” e “fluxos migratórios”. A busca para localizar o tema principal e os subtemas realizou-se, primeiramente, no jornal impresso, em 160 edições no período mencionado, encontrando-se 32 referências, em seções como capa, artigos/opinião ao leitor, reportagem, notas curtas, colunas, dentre outras, e 23 referências nas três editorias citadas. Na versão online da *Gazeta do Povo*, por uma questão de segurança metodológica, foram pesquisadas as palavras “Haiti” e “haitianos”, resultando um total de 19 matérias com os termos, apenas na editoria *Vida e Cidadania*, o que confirmou o resultado obtido no jornal impresso. Para análise, consideraram-se apenas as 19 matérias da editoria *Vida e Cidadania*, a que apresentou maior número de matérias sobre a tematização em exame.

### **3.1. Análise das matérias sobre migrações na editoria *Vida e Cidadania***

No conjunto das matérias sobre imigrações haitianas no Brasil no período examinado, encontrou-se na editoria *Vida e Cidadania* 13 matérias (de um total de 19) com abordagens relacionadas à economia. Percebeu-se também que deste universo, 9 delas foram publicadas entre os meses de abril e maio, período em que houve intensa cobertura da mídia sobre a entrada de milhares de haitianos no país, pelo Acre. Verificou-se que 7 das 9 matérias desse conjunto foram produzidas por agências de notícias de São Paulo, principal destino dos imigrantes. Percebe-se um distanciamento espacial, mas também um deslocamento do próprio indivíduo haitiano neste movimento que mobilizou a imprensa, políticos, igrejas e ONGs.



Pode-se perceber pela leitura interpretativa de cada matéria que os antecedentes que determinaram a vinda dos haitianos para o Brasil não são explorados como poderiam, especialmente ao se considerar que se tornam complexas as identidades culturais quando seus espaços originais são violados, caso do Haiti, cujas ocupações militares aliadas às catástrofes naturais e socioeconômicas, corromperam o espaço original deste povo. Não há enfoques sobre as condições que antecedem a vinda dos imigrantes, em geral, em nenhuma das matérias. O texto que mais se aproxima destes antecedentes – “Pedidos de refúgio crescem quase dez vezes” (15/05/14, p.5) – ainda assim trata de maneira genérica o tema: “*Os fatores que levam a isso são múltiplos (...). Em terceiro lugar, o acirramento de alguns conflitos internacionais (...) e a inversão de fluxos migratórios.*” Além disso, notou-se uma ênfase de cobertura sobre os efeitos negativos que a migração causa ao país receptor. Alguns entraves causados pelos migrantes são postos já nos títulos: “Em situação precária, haitianos, ‘lotam’ o Acre” (17/01/14, p.8), “São Paulo monta plano emergencial para atender haitianos” (26/04/14, p.4), “Secretário diz que haitianos estão sendo ‘despejados’ na cidade” (29/04/14, p.9) e “Acordo da conta bancária para haitianos em São Paulo” (12/05/14, p.7).

O tratamento do migrante como um problema é uma negação à própria dinâmica imposta pela sociedade capitalista, ao se levar em conta que as fronteiras nacionais são negadas pela sociedade (representada pelo Estado), enquanto, globalmente, acordos permitem a abertura irrestrita de mercados, com repercussão sobre aspectos da cultura e da cidadania.

Apesar da procura das empresas brasileiras por trabalhadores haitianos, apenas uma notícia com este foco foi encontrada na editoria de Economia da *Gazeta do Povo* neste período (“Haitianos reclamam direitos trabalhistas”, 13/03/14, p.21). Isso não significou que matérias relacionadas à questão empregatícia tenham sido deixadas de lado: pelo contrário, recorrentemente o tema foi encontrado na editoria *Vida e Cidadania*, inclusive com uma matéria de pequeno porte relatando sobre a burocracia da carteira de trabalho para haitianos (“Acordo dá conta bancária para haitianos em SP”, 12/05/14, p.7), além de uma matéria sobre trabalho escravo (associada mais aos bolivianos: “Grande São Paulo pode ter até 500 mil bolivianos”, (17/02/14, p.7)) e ao racismo no ambiente de trabalho (“Haitianos optam por rota clandestina”, 18/02/14, p.5). Entretanto, a questão do trabalho parece emergir mais pelo viés da cidadania do que pelo viés econômico. As matérias examinadas estão quase sempre acompanhadas por argumentos relacionados à questão da cidadania e à necessidade de se alcançá-la na sociedade, destacando a condição marginal do trabalho de imigrantes haitianos, mas resistindo em representá-los com capacidades produtivas que não são incompatíveis com

eles. Essas ênfases deixam de problematizar outras questões pertinentes sobre os imigrantes, como, por exemplo, a discussão da Política e do Plano Nacional sobre Migração e Refúgio.

A matéria “Haitianos optam por rota clandestina” (Gazeta do Povo, 18/02/2014, p. 5) associa os imigrantes ao tema da clandestinidade. O jornal traçou um perfil sobre os haitianos e destacou que o Paraná, à época, contava com mais de 4 mil deles. Entretanto, o conteúdo conduz o leitor para uma interpretação apenas genérica do fenômeno da migração, como explicita o trecho: *“O grande índice de clandestinos e a própria dinâmica de migração e fixação dificultam a consolidação de registros oficiais.”* A fotografia utilizada, que traz oito negros adultos, dentre eles uma mulher e três crianças, não se comunica com o título. Na imagem em questão, evidencia a relação haitianos/emprego, com cinco imigrantes sentados, de forma displicente e até “largada”, em uma escadaria. Seria esta a intenção do discurso? Outra observação a considerar é que o jornal não escolhe uma fonte direta entre os imigrantes para elucidar a notícia, mas convoca uma representante da ONG Casa Latino-Americana (Casla), de Curitiba, para tratar o assunto. Nesta matéria há também a primeira referência à abordagem de “cultura”, expressa na voz da presidente da comissão da OAB: *“Tem aquele pensamento de que o migrante vai tirar emprego de quem nasceu aqui. É uma besteira. O migrante vem contribuir, colaborar com a sociedade e contribuir com a cultura local”*.

A característica principal destas 13 matérias com abordagem econômica, no entanto, é o distanciamento do discurso entre o indivíduo que pratica a ação de saída e entrada em outro país, do mesmo indivíduo que pede refúgio neste país, bem como da necessidade de políticas sociais para que valores básicos como moradia e alimentação não falem. A fala do especialista e de políticos, especialmente marcada na matéria “Secretário diz que haitianos estão sendo ‘despejados’ na cidade” (29/04/14, p.9) joga o imigrante para o campo da desterritorialização, em um processo marcado pela falta de integração, que remete à alienação em tempos de mobilidade global.

De janeiro a junho de 2014, a *Gazeta do Povo* produziu para a editoria *Vida e Cidadania* três reportagens locais sobre os haitianos: 1) “Curitiba: terra de paz para o recomeço” (16/02/2014, p.4); 2) “Um crime que insiste em se repetir” (10/03/2014, p.4) e 3) “Haitianos comemoram o Dia da Bandeira com festas no Paraná” (19/05/2014, p.11). Os textos das colunas “Entrelinhas” (dentro da editoria *Vida e Cidadania*) não foram analisados por serem opinativos. Seguem-se as análises das três matérias consideradas.

“Curitiba: terra de paz para o recomeço” apresenta abaixo do título a palavra “Refugiados” e inclui os haitianos com outros imigrantes que vivem em Curitiba. A matéria cita que há um

*“um fluxo migratório intenso de africanos (principalmente da Nigéria, Congo e Guiné-Bissau) e da América Latina muitas vezes atraídos pelo sonho de um emprego”*. Dá voz aos sírios e equatorianos, à Pastoral do Migrante e novamente ouve a Casla, como fonte. Em relação às fotos, na versão impressa utilizou-se a imagem de uma família síria. Na versão online, a galeria com 16 fotos desses dois grupos retrata cenas com a família, crianças e adultos com indumentárias típicas e demais cenas cotidianas. A abordagem cultural foi explicitada pela personagem equatoriana: *“Meus pais me ensinaram a valorizar minha cultura. Gostamos muito do Brasil, mas nunca vamos nos esquecer de quem somos”*. A outra referência aos haitianos está no box *“Falta de dados emperra políticas públicas”*, quando a imigração está associada à irregularidade jurídica: *“A OAB calcula que o Paraná tenha hoje cerca de 50 mil estrangeiros vivendo legalmente – 19 mil em Curitiba. Outros cinco mil – principalmente haitianos e andinos – devem estar irregularmente no estado”*.

A reportagem *“Um crime que insiste em se repetir”* abre com o relato do haitiano Stanley Joseph, de 27 anos, radicado em Curitiba: *‘Saia daqui, seu macaco preto’*. (...) *As ofensas racistas que recebeu (...) foram gritadas pela dona de uma agência, onde ele procurava uma vaga de emprego. Antes fosse uma exceção, mas casos como os de Joseph beiram o corriqueiro*. A matéria traz ainda a declaração do senador Paulo Paim (PT), autor do projeto de lei (PL 6.418/05) que propõe o endurecimento contra quem cometer preconceito por cor, etnia, religião ou origem. Também ouve o advogado e militante do movimento negro, Antonio Leandro da Silva, que discorreu sobre a aplicação da lei em crimes de racismo, e o presidente do Instituto Brasil e África, Saul Dorval da Silva, que destacou a necessidade de políticas específicas voltadas aos negros. Outra fonte utilizada foi o Centro Integrado de Atendimento ao Cidadão (Ciac), local onde Joseph registrou boletim de ocorrência do caso. Novamente são ouvidas como fontes a Comissão de Direitos dos Migrantes da OAB e da Casla, que intercederam pelos haitianos neste caso específico. Apesar de não haver referência ao termo *“cultura”*, o rosto de Joseph estampa a fotografia da matéria, também na capa do jornal, por si só evidencia a cor da pele e a consequência disso sobre as subjetividades de sua situação de imigrante e de vítima do racismo.

Na última matéria local a ser analisada, *“Haitianos comemoram o Dia da Bandeira com festas no Paraná”*, o teor da notícia é outro. Evidencia-se neste caso o interesse em explorar um pouco da cultura daquele país. O jornal preocupou-se em resgatar o histórico da comemoração do Dia da Bandeira, em Curitiba e em Cascavel, PR. *“Na capital, integrantes da comunidade haitiana se reuniram ontem no Memorial de Curitiba. O evento marcou 211 anos da*

*independência do país com apresentações musicais, gastronomia e atividades de integração*”. O termo cultura foi evidenciado pelo haitiano Joe Celintery, coordenador da Associação de Defesa dos Imigrantes Haitianos - criada em maio de 2014, em Cascavel-, quando ele explicou que o Dia da Bandeira é um feriado em seu país, no qual acontecem festas, conferências e apresentações com música e danças típicas. “*É um ato que tem o objetivo de mantermos nossas tradições e cultura viva*”. Na mesma reportagem ainda foi citada a Associação dos Haitianos de Curitiba e a Casla. O apoio da Fundação Cultural de Curitiba (FCC) ao evento, citado no texto, mostra que o poder público já observou a presença dos estrangeiros. No entanto, o jornal optou pela foto com haitianos comemorando a data em desfile pelas ruas de Cascavel.

De forma geral, a análise das três reportagens locais indica que nas abordagens escolhidas (subtemas) para o tema principal, os imigrantes haitianos aparecem dizendo muito pouco sobre a cultura de seu país e sobre o seu modo de vida. Como já mencionado, os antecedentes de sua vinda para o Brasil não são explorados. A partir da leitura analítica dessas matérias é possível afirmar que a representação feita pelo jornal em relação aos haitianos é diferenciada com relação às dos demais imigrantes. Eles, na maioria das vezes, não têm voz direta e estão relacionados à questão do mercado de trabalho, ao preconceito sofrido, às relações com as agências de emprego, condições de vida e moradia, dentre outros.

No entanto, vale ressaltar que, no mês de maio, o *Caderno G* do mesmo jornal deu espaço a uma atividade cultural relacionada ao povo haitiano, já que se trata de um caderno de cobertura cultural. A matéria o “Ciclo de Leituras de Literatura Haitiana termina amanhã” (25/05/14, p.3) comenta sobre o evento promovido pela Fundação Cultural de Curitiba com o objetivo de fazer o “*movimento de integração Brasil-Haiti*”. Em junho, a reportagem “Para ouvir o Haiti” (22/06/14, capa), no *Caderno G*, trouxe uma página completa sobre jovens músicos do Haiti que fundaram o grupo musical Recif, dando-lhes visibilidade por meio da fotografia utilizada e pela disponibilização de vídeo do grupo na versão online do jornal. Um colunista também fez referência aos haitianos que trabalharam na reforma da Arena da Baixada, estádio que sediará os jogos da Copa 2014, ao afirmar “*Sorte esses bravos caribenhos terem sete vidas: enfrentaram o terremoto, o furacão, a cólera, a fuga para o Acre, o clima de Curitiba e, agora, a construção da Torre de Babel.*” (Caderno Especial da Copa, p.6), quando, em breves palavras, mostrou – cronologicamente – as dificuldades pelas quais os imigrantes haitianos passaram.

## Conclusão

No campo das práticas jornalísticas, com relação aos imigrantes haitianos, a mídia brasileira vem dando destaque à situação desde 2011. No Paraná, as notícias reproduzidas de agências nacionais pela *Gazeta do Povo* procuram enfatizar esse recente fenômeno por um viés predominantemente negativo. São perceptíveis o uso de termos como “irregulares”, “clandestinos”, “refugiados”, “haitianos sem rumo” (capa do jornal em 17/01/14); por outro lado, as matérias, em especial aquelas produzidas localmente, evidenciam a existência de redes e organizações de apoio aos imigrantes.

O que essa contradição entre local e nacional esconde no caso de matérias publicadas sobre os haitianos? Será talvez uma irrefletida compreensão dos próprios conceitos de imigração ou será que há uma intenção que alimenta a representação desses povos? Para responder a esses questionamentos, é preciso entender o processo da imigração como tematização tratada pela mídia nacional ou dos jornais locais nos municípios onde tais imigrantes estão instalados.

A análise realizada nos leva a afirmar que a *Gazeta do Povo* cumpre uma função de “reagendamento” do tema ao reproduzir notícias de agências noticiosas (*FolhaPress, Agência Estado, O Globo*), mas mostrou que também produz reportagens específicas sobre estes imigrantes, por meio de vieses mais amplos e positivos. No entanto, a investigação demonstra que o jornal ainda não se comunica efetivamente com os haitianos. É preciso dar voz a eles, pois, caso essa aproximação não ocorra, podemos dizer que estereótipos poderão ser reforçados, seja pelo boliviano associado ao trabalho escravo ou mão de obra barata, ou o africano e o haitiano, lembrados apenas por sua cor de pele e diferenças de idiomas.

O que podemos afirmar é que todos os migrantes são portadores e sujeitos de heterogeneidade cultural e, portanto, acabam por interferir/se integrar em uma cultura mesmo fora de seu território. No entanto, é importante que eles possam dar novos significados ao novo ambiente. Nesta pesquisa, percebe-se que os haitianos já estão articulados em redes institucionais em Curitiba: representações como a Pastoral do Migrante, a Casla, o movimento negro local e os diferentes grupos nas redes sociais mostram que a comunicação e o diálogo no novo território é possível. Ao se considerar que vivemos em um processo global de deslocamentos de pessoas, mais que ouvir as redes e organizações de apoio aos imigrantes, o papel da mídia jornalística é também o de dar voz aos sujeitos que escolheram esse país para recomeçar suas vidas, dando-lhes visibilidade cultural e cidadã, para que se evitem preconceitos sobre o outro, que desestabiliza, segrega e não constrói humanidade.

## REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CANCLINI, G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. SP: Edusp, 2013.

CARDOZO, José E.; PATRIOTA, Antonio de A. Brasil e Haiti: parceria para o desenvolvimento. **Folha de São Paulo**, 15/jan.2012. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/20185-brasil-e-haiti-parceria-para-o-desenvolvimento.shtml>>. Acesso em 10 mai. 2014.

COGO, Denise. **A comunicação cidadã sob o enfoque transnacional**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, vol. 33, nº1, p.81-103, jan/jun 2010.

\_\_\_\_\_. **Mídia, migração e interculturalidade: mapeando as estratégias de mediação dos processos migratórios e das falas imigrantes do contexto brasileiro**. Revista Comunicação e Informação, vol 4, nº1/2, p.11-32, jan/dez 2001.

ELHAJJI, Mohammed. **Migrações, TICs e comunidades tradicionais: o devir diaspórico na era global**. Anais XXXIV Intercom: Recife, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MARTINS, Gilberto; THEÓPHILO, Carlos. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** SP: Ed. Loyola, 2005.